

A (re)construção da subjetividade nas relações interlocutivas constitutivas dos gêneros dissertativos produzidos no contexto escolar

Luciano Novaes Vidon¹ e Marina de Paiva Moreira²

¹Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

lnvidon@yahoo.com.br, marina@colegioceic.com.br

RESUMO

O trabalho de pesquisa que apresentamos a seguir é de natureza qualitativa e revela-se nele um interesse especial pelos estudos dos gêneros textuais na perspectiva bakhtiniana de análise do discurso. Propomo-nos a investigar textos dissertativo-argumentativos, produzidos por alunos do 3º ano do ensino médio, observando, nesses enunciados, a constituição da subjetividade em sua relação com o desenvolvimento de certos gêneros discursivos, especialmente os de natureza dissertativo-argumentativa. Nosso principal objetivo foi demonstrar que, do ponto de vista discursivo, há, nessa produção enunciativa, marcas de subjetividade que nos convocam a rever o viés de *dessubjetivação* aplicado no ensino desses textos.

0 INTRODUÇÃO

Os gêneros discursivos fazem parte da nossa realidade lingüística, cultural e social. Retirá-los de sua realidade concreta, conduzi-los para o universo escolar e transformá-los em objeto de estudo, exige de nós, educadores e estudantes, a percepção de que o ensino-aprendizagem de texto pode ser ampliado a partir do momento em que compreendemos a realidade que nos circunda. Dessa forma o texto/discurso (como unidade de sentido), produzido por um determinado enunciatador, permitirá não só a ele, como a seus interlocutores, inúmeras possibilidades de participação social.

Dentro desta perspectiva, propusemos, como trabalho de pesquisa, a análise da (re)construção da subjetividade nas relações interlocutivas subjacentes aos gêneros discursivos produzidos no contexto escolar. O que pretendemos, conforme Conceição (2000), é transformar, aos poucos, a “cultura da redação” em “cultura do discurso” a fim de tentar desconstruir “as formalidades da redação escolar” e construir a discursividade na escrita, de forma que a construção subjetiva venha a ser “reconhecida” pelo outro. Vidon (2010) enfatiza que a relação entre discurso e subjetividade precisa ser inserida nas discussões sobre o ensino do texto, pois todo enunciado está sujeito a um regime discursivo, uma vez que este pertence a um determinado gênero discursivo. Conforme Bakhtin (1992, p.301):

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente sua existência teórica.

A teoria bakhtiniana afirma que os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de enunciados. O locutor usa tal relatividade estável para fazer escolhas do tema e do gênero, ao mesmo tempo em que pode deixar impresso seu estilo individual. A estabilidade como instância sócio-histórica lhe permite interagir e ser compreendido pelo seu interlocutor em uma dada situação de comunicação (FRANCO, 2008). As escolhas permitidas ao sujeito estão ancoradas e legitimadas em sua

esfera de atuação. A intencionalidade discursiva do produtor se materializa nos enunciados concretos direcionados a um ouvinte ativo. As escolhas específicas, como o léxico, as sequências tipológicas, o gênero e os enunciados expressam valores político-ideológicos e visivelmente tornam-se marca do trabalho lingüístico do sujeito.

Diante desta perspectiva, e com particular interesse no estudo dos gêneros discursivos, este trabalho, resultado de um projeto de iniciação científica, faz parte do projeto de pesquisa “Subjetividade e dessubjetivação em textos dissertativos-argumentativos” (VIDON, 2010) e tem como um de seus objetivos principais investigar a relação entre discurso e subjetividade no contexto específico de preparação do estudante para a produção de textos dissertativo-argumentativos.

1 METODOLOGIA E ANÁLISE

Durante o 2º semestre de 2010, realizamos a coleta de um conjunto de textos produzidos por alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede particular de Vitória – ES, e, também, de uma série de artigos de opinião produzidos por um aluno que cursava o 3º ano do ensino médio de outra escola da rede particular de Vitória – ES. Esses artigos foram publicados semanalmente pelo jornal “A Gazeta”, durante o período que antecedeu o 1º turno das eleições de 2010.

Obtivemos, assim, *corpus* de duas naturezas diferentes. O primeiro, um conjunto de textos produzidos em um contexto estritamente escolar. Já o segundo, outro conjunto de textos, mas, agora, em uma situação não escolarizada de escrita.

Analizamos, a seguir, um texto produzido na primeira situação, ou seja, produção textual escolar, com vistas à preparação para a prova de redação dissertativa do vestibular.

É interessante observar que, inicialmente, é o professor quem organiza todo o trabalho de escrita do aluno, pois o material utilizado em sala de aula é todo direcionado. Há oferta de material de estudo contendo as principais características do gênero, modelos prontos de escrita,

sugestões de reescrita de acordo com o modelo e por fim, a produção do aluno. Esta produção é efetivada semanalmente no espaço escolar e é ofertada, semanalmente também, atividade de produção para ser desenvolvida fora da escola.

Passemos então, à análise de um texto dissertativo-argumentativo, produzido por um aluno em contexto escolar, observando o discurso desenvolvido e fazendo as considerações de como o seu texto foi organizado.

Abaixo, acompanhe as informações dadas na proposta de produção textual:

A partir da leitura dos textos abaixo, redija uma dissertação-argumentativa, discutindo as idéias neles contidas.

(...) O inferno são os Outros. (Jean- Paul Sartre)

(...) padecer a convicção de que, na estreiteza das relações da vida, a alma alheia comprime-nos, penetra-nos, suprime a nossa, e existe dentro de nós, como uma consciência imposta, um demônio usurpador que se assenhoreia do governo dos nossos nervos, da direção do nosso querer; que é esse estranho espírito, esse espírito invasor que faz às vezes do nosso espírito, e que de fora, a nossa alma, mísera exilada, contempla inerte a tirania violenta dessa alma, outrem, que manda nos seus domínios, que rege as intenções, as resoluções e os atos muito diferentemente do que fizera ela própria (...)

(Raul Pompéia)

“Os outros têm uma espécie de cachorro farejador, dentro de cada um, eles mesmos não sabem. Isso feito um cachorro, que eles têm dentro deles, é que fareja, todo o tempo, se a gente por dentro da gente está mole, está sujo ou está ruim, errado... As pessoas, mesmas, não sabem. Mas, então, elas, ficam assim com uma precisão de judiar da gente...”

(João Guimarães Rosa)

(...)

experimental
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrir em suas próprias entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de com-viver.

(Carlos Drummond de Andrade)

O filósofo e psicólogo William James chamou a atenção para o grau em que a nossa identidade é formada por outras pessoas: são os outros que nos permitem desenvolver um sentimento de identidade, e as pessoas com as quais nos sentimos mais à vontade são aquelas que nos “devolvem” uma imagem adequada de nós mesmos (...)

(Alain de Botton)

A seguir, a produção textual a partir da proposta acima:

No decreto do tempo, a ciência revelou fatos que por séculos foram meras incógnitas: a anatomia do corpo humano, a exploração do universo, a cura de doenças. Em meio a incontestáveis avanços, fica evidente a ignorância humana no que diz respeito a relacionamentos. Uma pessoa vive em constante trabalho de convivência com seus semelhantes, e, à medida que a

maturidade dos anos é despertada, percebe-se o quão árduo isso pode ser.

A complexidade das personalidades humanas confirma que os vínculos interpessoais podem deixar boas lembranças – e feridas abertas. Em “O Cortiço”, obra-prima do Naturalismo, Aluísio Azevedo descreve suas personagens com intimidade avassaladora e, ao dissecar o âmago de cada uma, percebe-se o quão perversa e ambiciosa pode ser a natureza humana.

O alheio, misteriosamente, desperta curiosidade, ciúmes, sentimentos nefastos e rancorosos. Guimarães Rosa compara a um cão farejador, que tem inerente necessidade de tudo farejar, analisar e de se interessar pelo que não lhe diz respeito. Jean-Paul Sartre retratou em um romance a sua visão pessoal do inferno: um quadro branco, sem portas e janelas, e que alguns condenados deveriam viver eternamente. O que inicialmente parecera algo ameno se revelara um suplício sem precedentes, ao passo que os confinados vão revelando seus reais instintos e ideologias, seus crimes em vida, seus pensamentos e confidências mais sombrias – e têm de conviver com o pior de cada um.

Contraditoriamente, a fragilidade dos laços afetivos está vinculada à necessidade. Muitos já experimentaram a solidão não resistiram ao fardo de viver por conta própria, sem alguém com quem dividir as conquistas e os sofrimentos. Apesar de tantos desencantos, só com o outro, é possível a construção de identidades, prazeres e crescimento pessoal.

Podemos afirmar que o aluno conseguiu produzir um texto muito coeso em seus argumentos e com ótima progressão de idéias. Tendo como foco “a ignorância humana no que diz respeito a relacionamentos” (parágrafo introdutório), o autor aborda três escritores de renome, dois deles presentes na coletânea, e por fim conclui que, apesar das dificuldades de relacionamento, o homem não vive só.

Os argumentos são conduzidos com muita habilidade, como quando, no primeiro parágrafo, o texto trata da dificuldade de convivência entre os indivíduos: “Uma pessoa vive em constante trabalho de convivência com seus semelhantes, e à medida que a maturidade dos anos é despertada, percebe-se o quão árduo isso pode ser”. Ou ao fechar o texto em que o autor diz: “Apesar de tantos desencantos, só com o outro é possível a construção de identidades, prazeres e crescimento pessoal”.

Quanto à temática, essa se conduz dentro da proposta da coletânea, diante de uma precisão de argumentos, com parágrafos muito bem distribuídos em uma linguagem muito cuidada. É interessante observar que o autor ultrapassa a coletânea na medida em que constrói seus próprios argumentos.

Este texto foi avaliado pelo corretor da escola como acima da média, pois teria demonstrado, segundo essa avaliação, domínio da norma culta e de convenções da escrita, e o tema foi desenvolvido de forma satisfatória, a partir de um projeto pessoal de texto e de um repertório cultural produtivo, dominando bem o gênero discursivo (dissertativo-argumentativo) e demonstrando marcas claras de autoria e originalidade. Demonstrou conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção do tipo de texto solicitado, além de ter utilizado informações contidas na coletânea, contextualizando-as com conhecimentos do aluno e seus pontos de vistas. Sem dúvida, este texto, ainda segundo essa avaliação, atenderia às expectativas não só do professor de redação, como também, da banca examinadora do vestibular.

Passemos, agora, à análise de um texto produzido por um aluno do 3º ano, em um contexto não escolarizado (ver transcrição do texto em anexo):

Jovem Eleitor

Engano eleitoral gratuito

No último dia 17, teve início o horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão. Como em todos os anos eleitorais, os políticos, certos da influência desse artifício, apostam no tempo programado. Para melhor ilustrar essa certeza, no sábado passado, em reportagem publicada em A GAZETA, 79% dos entrevistados disseram ver importância da propaganda na decisão do voto, ou seja, escolherão ou mudarão seus candidatos a partir do que será dito por eles através da tela. Dentro os variados dados e as perguntas publicadas a respeito dos 50 minutos de campanha, uma, porém, não houve quem quisesse responder. Afinal, qual será o tempo destinado à verdade no horário eleitoral?

Levado ao opiniões a respeito da propaganda, foi unânime a argumentação de que será um bom momento para conhecer os candidatos. Reflito, porém, sobre quem estará na televisão, tomando como base as campanhas de anos anteriores, é fácil perceber a simpatia, os sorrisos e o espírito de mudança de todos os políticos. Não é preciso ir muito além para concluir que, na TV, há apenas um personagem, que visa vender a melhor imagem de si mesmo. Assim sendo, ele apenas diz aquilo que o marketing de seu partido manda. Tudo é claro, acompanhado por uma boa música de fundo e flashes de imagens de "solidariedade" e "amor ao pobre".

Para melhor explicar o que digo, farei uso de um exemplo. Se você, leitor, pedisse que eu filmasse o lugar mais bonito do mundo, onde tudo é paz e felicidade, eu, sem divida, filmaria a Grande Vitória. Agora, se seu pedido fosse para que eu abordasse o pior lugar do planeta, onde impera a guerra e a tristeza, não tenho dúvidas de que abordaria a Grande Vitória. Sim, amigos! Tudo dependeria da forma com que iria utilizar as palavras, músicas e imagens. Se você não conhecesse algo além do meu trabalho e assistisse a somente um dos vídeos, seria facilmente enganado. Assim também acontece na propaganda eleitoral pela TV. Ela, sozinha, pode não passar de um entranhado de mentiras. É necessário buscar outras fontes de informação e até mesmo ouvir o que a oposição tem a dizer sobre certo candidato.

Nossa maior arma nessas eleições, portanto, deve ser o senso crítico e a identificação das "verdades". Na TV, olho vivo nestes! Não permitamos que o "engano eleitoral gratuito" defina capotamente o nosso voto.

Janaina Gomes

A CHARGISTA TEM:
22 ANOS
ELA ESTUDA:
DESENHO INDUSTRIAL NA UFES, GRÁFICO, TAMBÉM ATUA NO FUNCIONALISMO PÚBLICO, COMO ASSISTENTE DE EDUCAÇÃO
NESTA:
GOSTA DE LER:
LITERATURA JAPONESA, LIVROS DE SUSPENSE E MANGÁS (GIBI, ANIMÊS)
ESPERA QUE OS POLÍTICOS SEJAM:
VERDADEIROS

79% dos entrevistados disseram ver importância da propaganda na decisão do voto, ou seja, escolherão ou mudarão seus candidatos a partir do que será dito por eles através da tela. A expressão dêitica "No último dia 17" é sintomática dessa enunciação iterativa, que pressupõe o conhecimento partilhado, entre locutor e interlocutor, do cronotopo enunciado. "No sábado passado, em reportagem publicada em A Gazeta" também situa o enunciado em horizonte discursivo partilhado pelos sujeitos discursivos.

Outro aspecto importante diz respeito ao enunciador, que, ao contrário do primeiro texto, discursa em 1ª pessoa, e não sob a forma da impessoalização discursiva ("se"). Enquanto no primeiro texto, quem fala parece ser "A ciência" ou "A razão", no segundo texto há um "eu" que fala (reflete, explica, discute, propõe, etc.) e que convoca o seu interlocutor (o leitor) a compartilhar de sua argumentação, apresentada de forma irônica ("Tudo, é claro, acompanhado por uma boa música de fundo e flashes de imagens de 'solidariedade' e 'amor ao pobre'"), mas também didática ("Para melhor explicar o que digo, farei uso de um exemplo"). Ao final, após, apelativamente, denominar o leitor de "amigo", locutor e interlocutor se fundem discursivamente na 1ª pessoa do plural, "nós", recorrendo, inclusive, a uma forma verbal imperativa ("Não permitamos que o 'engano eleitoral gratuito' defina nosso voto cegamente").

Em primeiro lugar, cremos que é preciso dizer que o primeiro texto se propõe a cumprir uma tarefa escolar, objetivando atender à proposta de produção de um texto dissertativo-argumentativo, como está explícito no enunciado da proposta. Ao contrário, o segundo texto é uma produção não-escolar, pertencente à esfera do discurso jornalístico, mais especificamente a respeito do tema "política". Como já observamos, o autor desse texto, estudante do 3º ano do ensino médio, da rede particular de ensino, fora convidado a escrever uma coluna semanal durante o período pré-eleições do ano de 2010. Junto a seu texto, a coluna seria composta por uma charge, desenhada, geralmente, por um(a) estudante universitário(a).

Há muitas marcas enunciativas que distinguem os dois textos. A primeira que podemos observar é a ancoragem espaço-temporal dos dois textos (em termos bakhtinianos, o cronotopo em que a arquitetônica dos textos se configura). O primeiro está ancorado em um espaço-tempo universal, buscando, com isso, um efeito de sentido generalizante: *No decreto do tempo, a ciência revelou fatos que por séculos foram meras incógnitas: a anatomia do corpo humano, a exploração do universo, a cura de doenças. Em meio a incontestáveis avanços, fica evidente a ignorância humana no que diz respeito a relacionamentos. Uma pessoa vive em constante trabalho de convivência com seus semelhantes, e, à medida que a maturidade dos anos é despertada, percebe-se o quão árduo isso pode ser.*

O segundo texto, ao contrário, se situa singularmente no interior da esfera em que enuncia, ancorando seu enunciado na corrente espaço-temporal dos fatos políticos contemporâneos, vivenciados naquele momento e, principalmente, naquele espaço discursivo: *No último dia 17, teve início o horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão. Como em todos os anos eleitorais, os políticos, certos da influência desse artifício, apostam no tempo programado. Para melhor ilustrar essa certeza, no sábado passado, em reportagem publicada em A Gazeta,*

2 CONCLUSÃO

Ao realizarmos a coleta das produções, ficamos imediatamente motivados a analisá-las. Era a oportunidade que tínhamos de investigar as questões subjetivas dos textos, as singularidades, e os estilos de cada produção e, em especial, do artigo de opinião escrito por um estudante, exatamente no 3º ano e se preparando para o vestibular.

O domínio dos gêneros enquanto prática social de linguagem pode proporcionar ao estudante a clareza da situação de produção: quem escreve, com que intenção, quem irá ler. Assim, ele poderá definir o gênero mais adequado para a escrita do texto, desde que esses aspectos sejam trabalhados em sala de aula.

No caso da produção do artigo de opinião publicado pelo jornal A Gazeta, observamos que o autor, além de apresentar a questão polêmica da semana, veiculada em várias mídias, buscando informações e trazendo outras opiniões para sustentar sua argumentação, expôs seu ponto de vista, defendendo-o com argumentos persuasivos e que buscavam a interação com o leitor (interlocutor).

O contrário pôde ser percebido na redação escolarizada, produzida dentro de um contexto específico de preparação para o vestibular. Esse "horizonte discursivo", conforme Bakhtin (1992), deu ao texto a impressão de padronização, reproduzindo o modelo estrutural de produção "treinado" na escola. As marcas da subjetividade são mais controladas e a escrita é muito generalizada. O autor, enfim, parece não querer se mostrar, o que irá dificultar muito a identificação de marcas próprias de autoria.

A publicação realizada pelo jornal A Gazeta aponta-nos que o trabalho com os gêneros textuais deve ser estimulado no ambiente escolar não só como uma avaliação do desempenho do aluno, mas como um espaço discursivo em que seu produtor reconheça que todo texto produzido por ele pode ser utilizado com funções

comunicativas reais. Seria a *desescolarização* da produção de textos.

ANEXO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Bakhtin, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- [2] _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [3] _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.
- [4] Bronckart, J. –P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.
- [5] Conceição, R. I. S. Da redação escolar ao discurso: um caminho a (re) construir. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.3, n.2, jul.2000.
- [6] Furlanetto, M. M. *Linguagem em (Dis) curso – LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 519-546, set/dez. 2006.
- [7] Ginzburg, C. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- [8] Mugrabi, E. *A pedagogia do texto e o ensino aprendizagem de línguas*. Vitória: Instituto para o Desenvolvimento e Educação de Adultos, Editora, 2002.
- [9] Vidon, L. N. Subjetividade e dessubjetivação em textos dissertativos-argumentativos escolares. *Projeto de Pesquisa*. Vitória-ES: PRPPG, 2010.

“Engano eleitoral gratuito”

“No último dia 17, teve início o horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão. Como em todos os anos eleitorais, os políticos, certos da influência desse artifício, apostam no tempo programado. Para melhor ilustrar essa certeza, no sábado passado, em reportagem publicada em A GAZETA, 79% dos entrevistados disseram ver importância da propaganda na decisão do voto, ou seja, escolherão ou mudarão seus candidatos a partir do que será dito por eles atrás da tela. Dentre os variados dados e as perguntas publicadas a respeito dos 50 minutos de campanha, uma, porém, não houve quem ousasse responder. Afinal, qual será o tempo destinado à verdade no horário eleitoral?”

Lendo as opiniões a respeito da propaganda, foi unânime a argumentação de que será um bom momento para conhecer os candidatos. Reflito, porém, sobre quem estará na televisão. Tomando como base as campanhas de anos anteriores, é fácil perceber a simpatia, os sorrisos e o espírito de mudança de todos os políticos. Não é preciso ir muito além para concluir que, na TV, há apenas um personagem, que visa a vender a melhor imagem de si mesmo. Assim sendo, ele apenas diz aquilo que o marketing de seu partido manda. Tudo, é claro, acompanhado por uma boa música de fundo e flashes de imagens de “solidariedade” e “amor” ao pobre.

Para melhor explicar o que digo, farei uso de um exemplo. Se você, leitor, pedisse que eu filmasse o lugar mais belo do mundo, onde tudo é paz e felicidade, eu, sem dúvida, filmaria a Grande Vitória. Agora, se seu pedido fosse que eu abordasse o pior lugar do planeta, onde impera a guerra e a tristeza, não tenho dúvidas de que abordaria... a Grande Vitória. Sim, amigo! Tudo dependeria da forma com que iria utilizar as palavras, músicas e imagens. Se você não conhecesse algo além do meu trabalho, e assistisse somente a um dos vídeos, seria facilmente enganado. Assim também acontece na propaganda eleitoral na TV. Ela, sozinha, pode não passar de um emaranhado de mentiras. É necessário buscar outras fontes de informação e até mesmo ouvir o que a oposição tem a dizer sobre certo candidato.

Nossa maior arma nessas eleições, portanto, deve ser o senso crítico e a contestação das “verdades”. Na TV, olho vivo neles! Não permitamos que o “engano eleitoral gratuito” defina cegamente o nosso voto.”